

**ANÁLISE METAFÓRICA DO PROVÉRBIO
“(EM) CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU”,
EM UM TEXTO DA MÍDIA ELETRÔNICA BRASILEIRA,
SOB A PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA¹**

Francimá Campos ROCHA

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar e aplicar a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA, proposta por Lakoff e Turner (1989), na análise do provérbio “(Em) Casa de ferreiro, espeto de pau”. Para alcançarmos tal objetivo, primeiro mostramos, de maneira geral, a visão cognitivista da metáfora conceitual e de provérbios. Em seguida, apresentamos, de maneira resumida, a teoria proposta pelos autores citados. Finalmente, analisamos, pela aplicação da teoria, um texto específico retirado da mídia eletrônica brasileira, contendo o provérbio “(Em) Casa de ferreiro, espeto de pau”. Os resultados da análise sugerem que, nas situações textuais específicas analisadas, é possível aplicar a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present and apply the GREAT CHAIN METAPHOR theory, proposed by Lakoff and Turner (1989), in the analysis of the proverb “A bad knife in a cutler’s house”. First, we present a general cognitive view about conceptual metaphors and proverbs. After, we briefly show the theory proposed by the authors. Finally, we apply the theory in a specific text from the Brazilian-Portuguese electronic media, with the proverb “A bad knife in a cutler’s house”. The results of the analysis suggest that, in the specific textual situations analyzed, it is possible to apply the GREAT CHAIN METAPHOR theory.

1 Introdução

Lakoff & Johnson lançaram em 1980 o livro *Metaphors we live by*, traduzido para o português em 2002 sob a coordenação de Mara Sophia T. Zanotto. O livro, segundo Zanotto et al., *representa uma consolidação da ruptura paradigmática que vinha ocorrendo desde a década de 1970, pondo em crise o enfoque objetivista da metáfora e atribuindo a ela um status epistemológico*.

Segundo Lakoff & Johnson (2002) a metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico, restrito somente à linguagem, sendo mais uma questão de palavras do que de pensamento. Sendo assim, ela é vista pela maioria das pessoas como sendo indispensável, ou seja, as pessoas acham que podem viver perfeitamente bem sem a metáfora. Mas o que os autores descobriram, e defendem, é que a metáfora faz parte de nossa vida cotidiana e que nosso sistema conceitual é fundamentalmente metafórico por natureza. E afirmam que se estiverem certos que esse sistema conceitual é em grande parte metafórico, então *o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora*.

Baseando-se principalmente em evidências lingüísticas e para dar uma idéia de como um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade cotidiana, os autores apresentam o conceito de DISCUSSÃO através da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA por meio de uma variedade de expressões lingüísticas (cotidianas) tais como:

Seus argumentos são *indefensáveis*.
Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação.
Suas críticas foram *direto ao alvo*.
Destruiu sua argumentação.
Jamais *ganhei* uma discussão com ele.
Se você usar essa *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*.
Ele *derrubou* todos os meus argumentos.

Sendo assim, o que fazemos quando usamos tais expressões é estruturar, pelo menos parcialmente, o conceito de DISCUSSÃO em termos de GUERRA. Logo a metáfora não está meramente nas palavras que usamos e essa linguagem não é poética, ornamental ou retórica, mas sim metafórica.

Os autores (op. cit.) usam o termo parcialmente porque, segundo eles: a) a metáfora ilumina certos traços enquanto suprime outros; b) a metáfora não apenas implica outros conceitos, mas também implica aspectos muito específicos desses conceitos; c) a metáfora ilumina experiências importantes, tornando-as coerentes, enquanto mascara outras experiências; d) as metáforas podem ser apropriadas porque sancionam ações, justificam inferências e ajudam-nos a estabelecer metas; e) o sentido que uma metáfora terá para um indivíduo será, em parte, determinado por fatores culturais e, em parte, ligado às suas experiências passadas (p. 237 – 239).

Tentando definir os tipos de metáforas de acordo com as expressões lingüísticas encontradas, os autores, na obra citada, definem a metáfora, de modo geral, de convencional ou conceitual e subdivide-a em estruturais, orientacionais, ontológicas, de recipiente e mistas. Definem as **metáforas estruturais** como sendo as que *nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito*, fundamentando-se em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência, podendo também criar similaridades; as **metáforas orientacionais** têm a ver com a orientação espacial, como por exemplo: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de, fundo – raso, central – periférico; as **metáforas ontológicas** surgem de nossas experiências com objetos físicos (especialmente com nossos corpos) permitindo-nos conceber, por exemplo, eventos, atividades, emoções, idéias como entidades e substâncias, também produzindo similaridades possíveis; as **metáforas de recipiente** são as que, através da experiência de nossos corpos como sendo recipientes, podemos conceber objetos físicos como recipientes com um lado de dentro e outro de fora; as **metáforas mistas** são aquelas que apresentam dois aspectos ao mesmo tempo. No quadro abaixo apresentamos exemplos dos tipos de metáforas sugeridas pelos autores com suas respectivas realizações lingüísticas:

Tipos de Metáforas Convencionais / Conceituais	Metáforas	Realizações Lingüísticas
Estruturais	- TEMPO É DINHEIRO	- Como você <i>gasta seu tempo</i> hoje em dia?
Orientacionais	- FELIZ É PARA CIMA; - TRISTE É PARA BAIXO	- Você está de <i>alto astral</i> ; - Estou no <i>fundo do poço</i> .
Ontológicas	INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE	- Precisamos <i>combater a inflação</i> .
De Recipiente	- OBJETO RECIPIENTE - ESTADOS COMO RECIPIENTES	- Agora ele está <i>fora da corrida</i> . - Ele está <i>saindo do coma</i> .
Mistas	A VIDA É UMA VIAGEM X RECIPIENTE	- Se continuarmos por esse <i>caminho</i> , conseguiremos <i>inserir</i> todos os fatos.

O que Lakoff & Johnson propõem, na realidade, é uma alternativa experiencialista em oposição aos mitos do objetivismo e subjetivismo. Acreditam que tanto o mito objetivista quanto subjetivista oferecem visões empobrecidas de áreas como: comunicação interpessoal e compreensão mútua, autocompreensão, ritual, experiência estética e política. E afirmam que o que ambos (objetivismo e subjetivismo) perdem nessas áreas é uma compreensão criativa com fundamentos interacionais. Sendo assim, em uma perspectiva experiencialista

a verdade depende da compreensão que emerge da ação humana
É por meio de tal compreensão que a alternativa experiencialista satisfaz à necessidade objetivista de uma explicação da verdade.
É por meio da estruturação coerente da experiência que a alternativa experiencialista satisfaz à necessidade subjetivista de sentido pessoal e significativo. (2002, p. 348 – 349)

E concluem afirmando que *a metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto.*

Em relação aos provérbios, Gibbs (1994) sustenta que, assim como as expressões idiomáticas, eles (os provérbios) *nos transmitem insights significativos em relação à poética da mente, por refletirem como nossa conceitualização metafórica da experiência nos conduz a situações sociais particulares*, isto é, os provérbios parecem ser casos especiais de um processo mais geral da compreensão metafórica.

Lakoff e Turner (1989) afirmam que os provérbios são poemas que nos transmitem instruções para compreender a natureza do nosso ser, a natureza das pessoas e as situações que encontramos na vida, assim como nosso papel no universo, podendo ser aplicados a uma variedade de situações, mas não qualquer situação. Portanto, para analisar/interpretar/compreender provérbios os autores propõem a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA.

Com o intuito de apresentar e aplicar a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA, no item 2 deste artigo apresentamos, de maneira resumida, a teoria proposta por Lakoff e Turner (1989); no item 3, mostramos a aplicação da teoria usando o provérbio “casa de ferreiro, espeto de pau”, em um texto da mídia eletrônica brasileira, anexado ao artigo; finalmente, no item 4, apresentamos nossas considerações finais, afirmando que, através de pesquisa feita na mídia eletrônica brasileira, a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA parece dar conta da análise/interpretação/compreensão de provérbios. Porém, lançamos alguns questionamentos sobre tal teoria, declarando que temos pretensão de fazer pesquisa experimental sobre a mesma.

2 A teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA

Depois do lançamento da obra *Metaphors we live by* (1980), Lakoff (1987) lança *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind* que, segundo Feltes (1992) é uma proposta ambiciosa que se apóia fortemente nos resultados da Psicologia Cognitiva dos anos 70, colocando-se em oposição radical aos modelos lógico-formais para a Semântica das línguas naturais. De acordo com a autora (op. cit.)

A visão experiencialista é, na verdade, mais do que uma nova abordagem para os fenômenos lingüísticos: pretende ser uma epistemologia de base para o tratamento de questões gerais sobre a cognição humana, sobretudo daquelas relativas à capacidade de categorização, pois, é através da categorização que a experiência se faz significativa para o indivíduo. (1992, p. 51)

Com o mesmo intuito ambicioso de fortalecer o mito (visão) experiencialista, Lakoff e Turner (1989) lançam *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*, em que o capítulo quatro é dedicado ao estudo de provérbios asiáticos. No referido capítulo os autores propõem uma teoria, chamada de METÁFORA GRANDE CADEIA², para o estudo de provérbios.

De acordo com os autores (op. cit.) a METÁFORA GRANDE CADEIA não é, estritamente falando, uma única metáfora. Ela é um conjunto que consiste da teoria do senso comum da Natureza das Coisas + a Grande Cadeia + a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO + a Máxima da Quantidade. O que a torna caracteristicamente metafórica é a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO. A Natureza das Coisas + a Grande Cadeia dão-lhe um caráter de uma teoria do senso comum. E a Máxima da Quantidade apresenta a estrutura de um princípio comunicativo. Desse modo, a METÁFORA GRANDE CADEIA é mais que uma metáfora: é um recurso conceitual complexo formado por uma metáfora, uma teoria do senso comum e um princípio comunicativo.

Vejamos agora como os autores classificam cada uma das partes que formam a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA.

²Para conhecer a teoria de maneira mais detalhada, ver Rocha (2006, p. 131 – 152).

2.1 A metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO

De acordo com Lakoff e Turner (1989), os provérbios evocam esquemas ricos em imagem e informação, isto é, eles evocam conhecimento de pessoas, animais, objetos e situações comuns (cotidianas). Estes esquemas - esquemas de nível específico, incluem não somente informação de nível geral tais como relações de causa e tipos de eventos (acontecimentos), mas também detalhes específicos e imagens concretas. E citam como exemplo o provérbio asiático “*O cego / acusa o buraco*”.

Os autores (op. cit.) afirmam que o provérbio citado não se refere exatamente a pessoas cegas, mas a uma classe de pessoas muito mais ampla – pessoas que têm algum tipo de incapacidade. E fazem os seguintes questionamentos: Como isso é possível? Como pode uma afirmativa sobre uma situação particular expressar uma compreensão geral? E como sabemos que compreensão geral ela expressa?

E respondem da seguinte maneira: Existe uma metáfora simples de nível genérico – GENÉRICO É ESPECÍFICO – que mapeia um esquema simples de nível específico para um número indefinidamente grande de esquemas paralelos de nível específico que têm a mesma estrutura de nível geral como o esquema domínio-fonte. Ou seja, o mapeamento de GENÉRICO É ESPECÍFICO, em vez de ser definido por uma lista de elementos fixos, é definido pela limitação que governa todas as metáforas de nível genérico, isto é, GENÉRICO É ESPECÍFICO mapeia esquemas de nível específico para esquemas de nível geral contidos neles.

Vejam os autores analisam o provérbio “*O cego / acusa o buraco*” usado em uma situação particular: Suponha que um conhecido candidato a presidente cometa alguma improbidade pessoal – apesar de não ser ilegal e não estar relacionada a questões políticas – e que sua candidatura é ameaçada (destruída) pela divulgação, feita pela imprensa, de sua improbidade. Ele acusa a imprensa pela divulgação, em vez de acusar a si próprio.

Do esquema associado com “*O cego / acusa o buraco*”, Lakoff e Turner (1989) escolheram exatamente a informação de nível geral, como segue:

- *há uma pessoa com uma incapacidade*³;
- *ela encontra uma situação na qual sua incapacidade naquela situação resulta em uma conseqüência negativa;*
- *ela acusa a situação em vez de sua própria incapacidade;*
- *ela deveria ter responsabilizado a si mesma, não a situação.*

Este extrato de informação de nível genérico constitui um esquema de nível genérico, que pode ser partilhado por muitos outros esquemas de nível específico. Dessa maneira podemos pensar nele como um padrão variável que pode ser preenchido de muitas maneiras. Vejam uma:

- *a pessoa é o candidato a presidente;*
- *sua incapacidade é sua inabilidade de compreender as conseqüências de suas ações impróprias;*
- *o contexto em que ele se encontra é ter cometido uma improbidade e a imprensa ter divulgado;*
- *a conseqüência é ter sua candidatura ameaçada (abalada);*
- *ele acusa a imprensa;*
- *nós o julgamos tolo por acusar a imprensa em vez de si mesmo.*

Isto conduz a seguir uma compreensão metafórica de nível específico da situação dada:

- *a pessoa cega corresponde ao candidato a presidente;*
- *sua cegueira corresponde a sua inabilidade de compreender as conseqüências de suas próprias ações;*
- *cair no buraco corresponde a sua improbidade e a divulgação pela imprensa;*
- *estar no buraco corresponde a estar fora da competição como candidato;*
- *acusar o buraco corresponde a acusar a cobertura (divulgação) da imprensa;*
- *julgar o homem cego como tolo por acusar o buraco corresponde julgar o candidato como tolo por acusar a cobertura da imprensa.* (p. 162,163)

Assim, a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO permite compreender toda uma categoria de situações em termos de uma situação particular. Dada uma situação particular (o candidato a presidente) e um

³ Essa tradução e todas as demais que aparecem ao longo do artigo são de nossa responsabilidade.

provérbio particular (“O cego / acusa o buraco”), GENÉRICO É ESPECÍFICO fornece uma maneira de entender a situação metaforicamente em termos do esquema evocado pelo provérbio.

2.2 O modelo cultural a Grande Cadeia

Lakoff e Turner (1989) afirmam que o que eles têm certeza em relação aos provérbios é que temos um certo senso (direção) da ordem das coisas – que conhecemos muito bem – sobre a relação (posição do homem no universo). Afirmam ainda que os provérbios referem-se a pessoas, apesar desse olhar ser sempre superficial como se se referissem a outras coisas: “vacas”, “rãs”, “pimenta”, “ferro”, “carvão”. Daí entenderem os provérbios como oferecendo-nos maneiras de compreender as faculdades complexas dos seres humanos em termos de outras coisas. Para isso, usamos o modelo cultural a Grande Cadeia do Ser.

Definem a Grande Cadeia do Ser como sendo um modelo cultural que se refere a tipos de seres e suas propriedades. No modelo há uma escala vertical na qual se ordenam seres e objetos com propriedades “superiores” e “inferiores”. Quando falam sobre faculdades “superiores” do homem se referem, por exemplo, ao seu senso estético e moral e sua capacidade racional, não as suas características, seus desejos animal ou suas emoções brutas (rudes). Falam também de formas de vida superior e inferior. A Grande Cadeia é uma escala de formas do ser – humano, animal, planta, objeto inanimado – e, conseqüentemente, uma escala de propriedades que caracterizam formas do ser – razão (raciocínio), comportamento instintivo, função biológica, atributos físicos etc.

Os autores (op. cit.) distinguirão duas versões da Grande Cadeia: uma básica e outra ampliada (extended). A Grande Cadeia básica refere-se à relação dos seres humanos com as formas “inferiores” de vida. É extremamente difundida e ocorre não somente na cultural ocidental, mas através das culturas do mundo. É altamente inconsciente e tão fundamental para nosso pensamento que nós apenas a notamos. A Grande Cadeia ampliada refere-se à relação dos seres humanos com a sociedade, Deus e o universo; é central para a tradição ocidental, e é a principal preocupação das discussões tradicionais da Grande Cadeia. Primeiro os autores apresentam a Grande Cadeia básica, para depois apresentarem a Grande Cadeia ampliada. Neste artigo, nos limitaremos à Grande Cadeia básica.

Lakoff e Turner (1989) pensam nos seres humanos como seres de ordem superior aos animais, animais como superiores às plantas e as plantas como superiores às coisas inanimadas. Dentro de cada um destes níveis, há subdivisões com níveis superiores e inferiores, daí cachorros serem de ordem mais elevada que insetos e árvores mais elevadas que algas. Essa escala de seres corporifica (embodies) uma escala de propriedades. Por exemplo, enquanto uma pedra (rocha) é uma mera substância, uma cadeira possui uma estrutura funcional parte-todo, isto é, tem um assento, costas e pernas, cada uma delas desempenhando uma função. Uma árvore tem tanto uma substância quanto uma estrutura funcional parte-todo e, em acréscimo, ela tem vida. Um inseto possui todas essas propriedades – substância, uma estrutura funcional complexa, vida – e, em acréscimo, comportamento animal tal como auto-propulsão. De acordo com nosso conhecimento trivial (cotidiano), animais superiores como cachorros têm todas essas propriedades mais estados interiores como desejo (querer brincar), emoções (medo), habilidades cognitivas limitadas (memória) entre outras. Humanos têm todas essas propriedades mais capacidade para raciocínios abstratos (complexos), ética, alto nível de consciência e assim por diante. Assim, onde um ser cai na escala dos seres depende estritamente de sua propriedade superior.

Os autores (op. cit.) resumem a Grande Cadeia básica (chamada simplesmente de Grande Cadeia) como sendo organizada por atributos e comportamento, organizados em uma hierarquia, de acordo com o quadro abaixo:

- **HUMANOS**: atributos e comportamento de ordem superior (ex. pensamento, caráter)
- **ANIMAIS**: atributos e comportamento instintivo
- **PLANTAS**: atributos e comportamento biológico
- **OBJETOS COMPLEXOS**: atributos estruturais e comportamento funcional
- **COISAS FÍSICAS NATURAIS**: atributos físicos naturais e comportamento físico natural.

2.3 A Natureza das Coisas

De acordo com Lakoff e Turner (1989), as pessoas possuem uma teoria trivial (corriqueira) das formas do ser, isto é, acreditam que eles têm essências e que essas essências conduzem o modo de como se comportam ou funcionam. Por exemplo, pode-se entender as substâncias como tendo atributos essenciais como *duro*, *macio*, *frágil* etc. Entende-se ainda que esses atributos físicos essenciais resultam em comportamento físico essencial. Alguns objetos físicos também possuem atributos estruturais. Por exemplo, arame farpado, que é metálico e, portanto, duro, também possui uma estrutura parte-todo consistindo de arame e farpas. Tal atributo estrutural essencial determina como o arame farpado funcionará. Por exemplo, pode ser estendido ao longo do vale e ferir os animais que o encontrarem, ou pode ser colocado em cima de um muro e ferir quem tentar saltá-lo.

As plantas têm natureza biológica essencial que levam a comportamento biológico essencial, como quando uma árvore em transição (mudança) deixa cair suas folhas, ou uma flor fototropicalmente segue o sol. Animais superiores têm naturezas instintivas essenciais que levam a comportamento essencial instintivo, como quando um predador natural como uma águia caça. Seres humanos possuem atributos essenciais de caráter que determinam comportamento característico, como quando uma pessoa desonesta amiúde mente.

Nem todos os atributos são compreendidos como sendo imutáveis e essenciais. Podem ser temporários ou ocasionais. Um animal pode estar em vários momentos faminto, feroz, sonolento, calmo etc. Um objeto físico pode estar em vários momentos quente ou frio, limpo ou sujo, novo ou velho. E um ser humano pode estar em vários momentos gentil, aborrecido ou flegmático (impassível). Assim como atributos essenciais levam a comportamento essencial, então atributos temporários levam a comportamento temporário. Um ser humano temporariamente aborrecido, um cachorro temporariamente provocado e uma chaleira de água temporariamente aquecida comportam-se todos de maneiras previsíveis.

Sumarizam dizendo que nós possuímos uma teoria trivial inconsciente e automática em relação à natureza das coisas, isto é, a relação entre como as coisas são e como se comportam:

- *os atributos que uma forma do ser tem leva à maneira que a forma do ser se comporta*
- *atributos essenciais levam a comportamento essencial*
- *atributos possíveis levam a comportamento possível.*

E concluem afirmando que irão se referir a essa teoria trivial da relação entre atributos e comportamento como a Natureza das Coisas.

2.4 A Natureza das Coisas mais a Grande Cadeia

A Grande Cadeia básica, já apresentada em 2.2, é definida por atributos e comportamento, organizados de maneira hierárquica. A teoria do senso comum da Natureza das Coisas, apresentada em 2.3, é uma teoria causal que liga atributos a comportamento, ou seja, o comportamento característico de uma forma do ser é uma consequência de seus atributos característicos.

Quando a hierarquia da Grande Cadeia básica é combinada com o conhecimento trivial (corriqueiro) sobre a Natureza das Coisas, temos uma teoria popular (folk theory) hierárquica mais elaborada das formas do ser e de como eles se comportam, da seguinte maneira:

- **HUMANOS:** *atributos de nível superior levam a comportamento de nível superior*
- **ANIMAIS:** *atributos instintivos levam a comportamento instintivo*
- **PLANTAS:** *atributos biológicos levam a comportamento biológico*
- **OBJETOS COMPLEXOS:** *atributos estruturais levam a comportamento funcional*
- **COISAS FÍSICAS NATURAIS:** *atributos físicos naturais levam a comportamento físico natural.*

A teoria trivial da Natureza das Coisas combina-se com a Grande Cadeia básica para formar uma teoria complexa do senso comum de como as coisas se relacionam no mundo. Essa teoria, segundo Lakoff e Turner (1989), é um ingrediente essencial na compreensão de provérbios. Os outros dois ingredientes essenciais são a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, apresentada em 2.1, e o princípio comunicativo Máxima da Quantidade, que diz que seja tão informativo quanto requerido e nada mais, conforme será apresentado no próximo item.

2.5 A Máxima da Quantidade

Por possuímos bastante conhecimento (básico), de acordo com Lakoff e Turner (1989), a METÁFORA GRANDE CADEIA seria desorganizada se não fosse a Máxima da Quantidade. Seu papel é limitar severamente o que pode ser entendido em termos de que. Por exemplo, se usarmos o provérbio “Cão que ladra não morde” para nos referirmos a alguém que “ameaça” outros, mas não cumpre o que diz, estamos neste caso usando o nível mais alto do animal, que é seu instinto, para falarmos de alguém que esperaríamos tivesse um comportamento de nível superior, por ser humano. No caso de nos referirmos a outras propriedades inferiores do cão, que não seu instinto, para nos referirmos a pessoa, estaríamos aí violando a Máxima da Quantidade, ou seja, estaríamos passando muita informação desnecessária, pois, dentro da Grande Cadeia, os seres superiores são dotados de todos os atributos que os demais seres inferiores, na escala dos seres. Se, ao contrário, supõe-se que o falante não está violando a Máxima da Quantidade, deve-se supor que são as propriedades categoriais superiores que são de interesse.

Os autores (op. cit.) concluem que, apesar de cada um desses quatro ingredientes existirem independentemente um do outro, eles são empregados em acordo para fornecer interpretações de provérbios. Esses quatro elementos juntos (teoria do senso comum da Natureza das Coisas + a Grande Cadeia + a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO + a Máxima da Quantidade) são chamados de METÁFORA GRANDE CADEIA. Sendo assim, comparam a METÁFORA GRANDE CADEIA a um colar de quatro voltas, no qual há quatro membros com identidades separadas, mas que sempre trabalham juntas, e que sua identidade como um grupo é mais importante que suas identidades como indivíduos. É importante ressaltar que a METÁFORA GRANDE CADEIA, como frisada em 2, não é, estritamente falando, uma metáfora isolada. Ela é um conjunto formado da teoria trivial da Natureza das Coisas + a Grande Cadeia + a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO + a Máxima da Quantidade. O que lhe dá o caráter metafórico é a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO; a Natureza das Coisas + a Grande Cadeia dão-lhe o caráter de uma teoria do senso comum; e a Máxima da Quantidade conduz a um princípio pragmático de comunicação. Nesse sentido, a METÁFORA GRANDE CADEIA é mais que uma metáfora: é um recurso conceitual complexo constituído de uma metáfora, uma teoria do senso comum e um princípio comunicativo.

3 Análise do provérbio “(em) casa de ferreiro, espeto de pau” em um texto da mídia eletrônica brasileira, sob a perspectiva da teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA

Depois de apresentar, de maneira resumida, a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA, como proposta por Lakoff e Turner (1989), apresentaremos a análise do provérbio “(Em) Casa de ferreiro, espeto de pau”, contextualizado em um texto da mídia eletrônica brasileira (ver texto em anexo).

Tal análise procurará seguir os mesmos passos adotados pelos autores (op. cit.) em relação à apresentação da teoria descrita no corpo deste artigo.

Começamos, então, pela metáfora **GENÉRICO É ESPECÍFICO**.

Segundo a teoria da metáfora conceitual, Lakoff e Johnson (1980) afirmam que o mapeamento parte da fonte para o alvo, isto é, Domínio Fonte é Domínio Alvo. Portanto, o domínio-fonte, que é ESPECÍFICO, será o próprio provérbio – “(Em) Casa de ferreiro, espeto de pau”, enquanto o domínio-alvo, que é GENÉRICO, será a situação descrita no texto.

Sendo assim, do esquema associado com “(Em) Casa de ferreiro, espeto de pau”, escolhemos exatamente as informações de nível genérico da seguinte maneira:

- Houve um furto no estacionamento subterrâneo do prédio da Chefia de Polícia Civil, no centro do Rio;
- O furto foi de um toca-fitas do carro do motorista do chefe de polícia;
- O delegado Zaqueu Teixeira (chefe da Polícia Civil) determinou a abertura de um inquérito criminal;
- O delegado responsável pelas investigações (Gilberto Cruz) afirmou que o guarda responsável pelo estacionamento será suspenso por 40 dias, pois o mesmo pode ser um inimigo interno;
- Treze dias antes, um ladrão já havia arrombado quatro carros que estavam no mesmo local.

Estas informações de nível genérico constituem um esquema de nível geral que podem ser compartilhadas por esquemas de nível específico, da seguinte maneira:

- “Casa de ferreiro” corresponde à instituição Polícia Civil, que tem como missão defender o cidadão e punir os bandidos;
- “Espeto de pau” corresponde à instituição Polícia Civil não ter sido capaz de se auto-defender e, principalmente, dentro da própria instituição.

A partir dos esquemas apresentados, Lakoff e Turner (1989) afirmam que a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO nos permite entender toda uma categoria de situações em termos de uma situação particular. Ou seja, dada uma situação particular (o furto no prédio da Polícia Civil) e um provérbio particular (“Casa de ferreiro, espeto de pau”), GENÉRICO É ESPECÍFICO fornece uma maneira de entender a situação metaforicamente em termos do esquema evocado pelo provérbio.

A **Grande Cadeia do Ser**, como já apresentada, é um modelo cultural que se refere a tipos de seres e suas propriedades e os coloca em uma escala vertical, com seres e propriedades de ordem “superior” acima dos seres e propriedades de ordem “inferior”.

O modelo da Grande Cadeia também nos permite afirmar que dentro de um mesmo nível há hierarquias. Como o texto se refere a seres humanos, porém com *status social* diferentes, podemos afirmar que:

- O chefe da Polícia Civil (delegado Zaquie Teixeira) é superior aos demais membros da instituição;
- O delegado Gilberto Cruz e a delegada Ângela Sampaio parecem estar no mesmo nível hierárquico, porém superiores ao inspetor Paulo Maurício;
- O inspetor Paulo Maurício é superior ao responsável pelo estacionamento subterrâneo.

Em relação à **Natureza das Coisas**, os autores (op. cit.) afirmam que nós possuímos uma teoria trivial amplamente automática e inconsciente sobre a natureza das coisas, isto é, a relação entre o que as coisas são e como se comportam. Sendo assim, dentro do texto, podemos esperar que *os membros da instituição Polícia Civil se comportem de acordo com sua(s) missão(ões) de policial*.

Referindo-se à **Máxima da Quantidade**, afirmam que seu papel é limitar severamente o que pode ser entendido em termos de que. Daí ser possível dizer que “Casa de ferreiro, espeto de pau” não pode ser interpretado, por exemplo, para afirmar que uma pessoa caiu ao tentar atravessar uma avenida muito movimentada.

4 Considerações finais

Em pesquisa recente (2005), realizada com 64 falantes nativos brasileiros adultos e de diferentes níveis de escolaridade, solicitamos aos sujeitos pesquisados que escrevessem / ditassem cinco provérbios que lhes viesse à mente naquele exato momento. Os três provérbios mais citados foram: “**Água mole em pedra dura tanto bate até que fura**”, “**Mais vale um pássaro na mão que dois voando**” e “**(Em) Casa de ferreiro, espeto de pau**”.

Utilizando os provérbios acima citados e com base no critério metodológico proposto por Lakoff e Turner (1989) – a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA, fizemos análises da realização de tais provérbios através de textos retirados da mídia eletrônica brasileira.

Os resultados de tais análises sugerem que, nas situações textuais específicas analisadas, foi possível aplicar a teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA. Através das correspondências feitas, é possível entender o significado de cada um dos elementos presentes nos provérbios em relação às situações destacadas nos textos. É também interessante observar que, apesar das situações apresentadas nos textos fornecerem um conhecimento prévio para o uso apropriado dos provérbios nas situações analisadas, os provérbios possuem propriedades recorrentes para serem usados em um número infinito de situações contextuais, como afirmam os autores (op. cit.).

Porém, temos alguns questionamentos em relação à teoria. Por exemplo: As pessoas, de fato, possuem um conhecimento implícito internalizado da hierarquia descrita por Lakoff e Turner (1989), isto é, da Grande Cadeia do Ser? Se sujeitos brasileiros nativos fossem questionados em relação aos provérbios citados, será que eles teriam ou têm conhecimento básico para dar respostas a perguntas do tipo “O que você sabe sobre: casa, ferreiro, espeto, pau?”; “Por que você relacionou: casa, ferreiro, espeto, pau a (situação textual específica para explicitação do provérbio)”? Por que será que, dos princípios comunicativos propostos por Grice, o único que faz parte da teoria é a Máxima da Quantidade? Mas estes e outros questionamentos fazem parte de um experimento que estamos desenvolvendo a fim de verificar a aplicação da teoria da METÁFORA GRANDE CADEIA, pois, até o momento, não temos conhecimento da testagem experimental de tal teoria.

5 Referências bibliográficas

FELTES, Heloisa P. de M. (1992). A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 27, n° 3, p.49 – 71.

GIBBS Jr., Raymond W. (1994). **The poetics of mind: figurative thought, language and understanding**. University of California, Santa Cruz. Cambridge University Press.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark (1980). **Metaphors we live by**. Chicago and London: The University of Chicago Press.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark (2002). **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara S. ZANOTTO. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Educ.

LAKOFF, George & TURNER, Mark (1989). **More than cool reasons: a field guide to poetic metaphor**. Chicago and London: The University of Chicago Press.

ROCHA, Francimá C. (2006). Os provérbios e a metáfora grande cadeia. In: Ana Cristina P. de MACEDO & Aline F. BUSSONS (Orgs.). **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.



Sábado, 14 de maio de 2005

Chefe de Polícia Zaqueu Teixeira abre inquérito para apurar furto de carro

O Dia

16:52 12/11

RIO - O chefe da Polícia Civil, delegado Zaqueu Teixeira, afirmou nesta terça-feira que determinou a abertura de um inquérito criminal na 5ª DP (Gomes Freire) para investigar o furto do carro de seu motorista no estacionamento da sede da corporação, no Centro do Rio. Além disso, ele determinou uma sindicância sumária administrativa, na Corregedoria de Polícia, para apurar responsabilidades do policial que estava de serviço.

[Leia abaixo o texto](#) ↕

“Ele vai ser suspenso por 40 dias. Era o responsável pela guarda dos bens ali existentes. É inadmissível que isso aconteça. Não vou deixar que desmoralizem a polícia”, disse o delegado, acrescentando em seguida: **“Casa de ferreiro, espeto de pau.** Tem guarda na garagem do prédio da polícia e houve a subtração de um toca-fitas. Esse policial que faz a guarda será punido, pode ser um inimigo interno”. O inquérito está a cargo do delegado Gilberto Cruz, titular da 5ª DP, e a sindicância com a delegada Ângela Sampaio, Corregedora da Polícia Civil. Peritos do Instituto de Criminalística estiveram no local e realizaram os primeiros exames periciais.

Entenda o caso - Um ladrão conseguiu entrar no estacionamento subterrâneo do prédio da Chefia de Polícia Civil, na Rua da Relação, 42, no Centro da cidade, arrombou o carro do inspetor Paulo Maurício de Souza Moura, motorista do chefe de polícia, delegado Zaqueu Teixeira, e roubou o toca-fitas. O furto aconteceu na madrugada de domingo para segunda-feira.

O arrombamento do Kadett LIQ 7782 no estacionamento aconteceu 13 dias depois de ter um ladrão arrombado quatro carros que estavam no local.